

*Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores.*

*Prêmio Carlos de Laet, conferido pela Academia Brasileira de Letras*

*A aldeia sagrada*

© Francisco Marins, 1996

**Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica** Mário Ghio Júnior

**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial** Paulo Nascimento Verano

**Edição** Fabiane Zorn

## ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico & redesenho do logo** Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

**Capa** montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Nelson Reis

**Diagramação** Balão Editorial

## REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Balão Editorial

## ICONOGRAFIA

Silvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf

e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** Di Boretti (p. 140); Acervo pessoal (p. 142)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M294a

35. ed.

Marins, Francisco, 1922 –

A aldeia sagrada / Francisco Marins. - 35. ed. - São Paulo : Ática,

2015.

144 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978 85 08 17350-1

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

15-22274

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 739045

CAE 549842

2015

35ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

**ea**

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

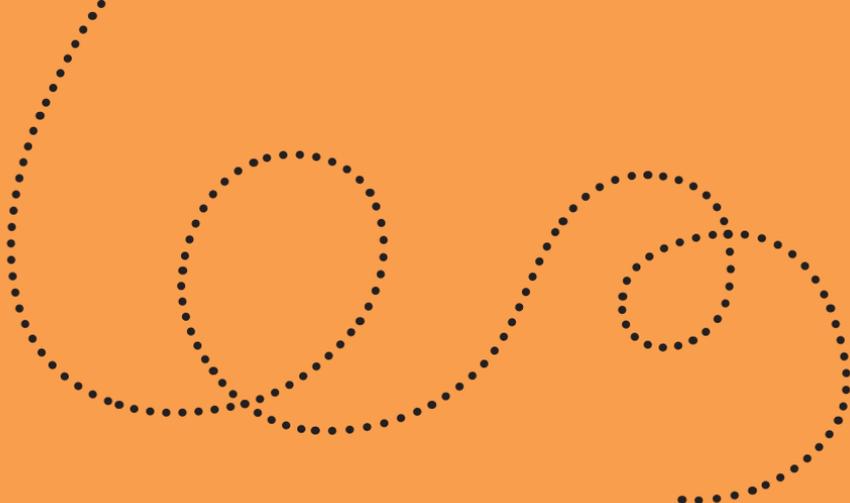
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





# *A Aldeia Sagrada*

FRANCISCO MARINS

*Série Vaga-Lume*



**ea**

editora ática

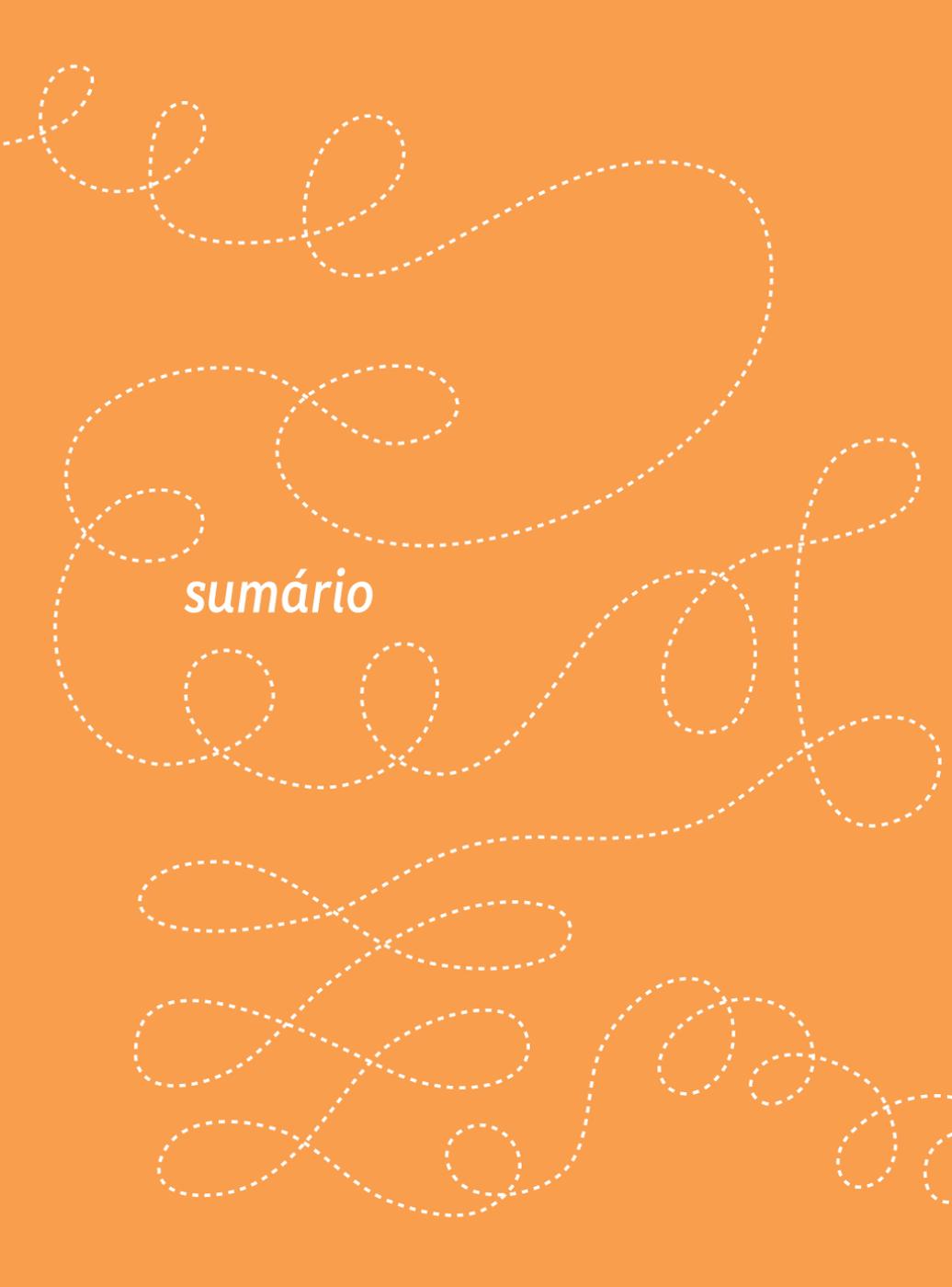


## *Entre a guerra e a seca, sob fogo cruzado*

NÃO É DE HOJE QUE A SECA REPRESENTA um grande problema para quem vive no sertão do Nordeste. O personagem principal desta história — Didico, um menino de 12 anos — vai enfrentá-la em 1897. Para escapar à miséria que a falta de água ocasiona, ele perambula pelo interior da Bahia e acaba por viver uma incrível aventura.

Nessa época, a região é o palco de uma guerra terrível. O beato Antônio Conselheiro, reunido com seus fiéis no povoado de Canudos, está sendo atacado pelo Exército, sob a acusação de liderar um movimento contra a República recém-proclamada. Em meio ao fogo das batalhas, Didico precisa encontrar seu padrinho e, naturalmente, sobreviver.

Acompanhe a trajetória desse menino corajoso e conheça um dos episódios mais emocionantes da história do Brasil. Boa leitura!



*sumário*

*Parte I – A seca* **13**

*capítulo 1.*

Antônio Conselheiro **15**

*capítulo 2.*

A cacimba **18**

*capítulo 3.*

Confidências **21**

*capítulo 4.*

Prova de Santa Luzia **25**

*capítulo 5.*

O fim de Pomboca **27**

*capítulo 6.*

O fim de Donana **30**

*capítulo 7.*

Adeus à terra **33**

*Parte II – Caminhadas no sertão* **35**

*capítulo 1.*

Companheiros de jornada **37**

*capítulo 2.*

Aventura noturna **39**

*capítulo 3.*

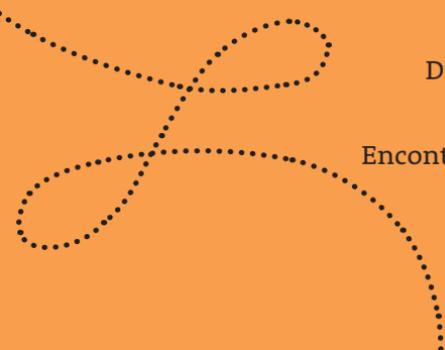
Dias de marcha **46**

*capítulo 4.*

Má notícia **49**



capítulo 5.	
O profeta	<b>52</b>
capítulo 6.	
Monte Santo	<b>57</b>
<i>Parte III – A guerra dos jagunços</i>	<b>63</b>
capítulo 1.	
Terríveis acontecimentos	<b>65</b>
capítulo 2.	
A luta continua	<b>68</b>
capítulo 3.	
Novos acontecimentos	<b>73</b>
capítulo 4.	
Peregrinações do Conselheiro	<b>77</b>
capítulo 5.	
No casinholo de Barnabé	<b>80</b>
capítulo 6.	
Dias difíceis para Canudos	<b>85</b>
capítulo 7.	
O transporte do bendengó	<b>88</b>
capítulo 8.	
A medalhinha	<b>95</b>
capítulo 9.	
Duras caminhadas	<b>99</b>
capítulo 10.	
Encontro com padrinho	<b>103</b>



<i>capítulo 11.</i>	
O “beija” das imagens	<b>107</b>
<i>capítulo 12.</i>	
Prisioneiros	<b>110</b>
<i>capítulo 13.</i>	
Princípio do cerco	<b>112</b>
<i>capítulo 14.</i>	
O ataque ao canhão	<b>114</b>
<i>capítulo 15.</i>	
Dias de angústia	<b>119</b>
<i>capítulo 16.</i>	
Estranha rendição	<b>123</b>
<i>capítulo 17.</i>	
Depois da luta...	<b>127</b>
<i>capítulo 18.</i>	
Surpresa e recompensa	<b>131</b>
<i>capítulo 19.</i>	
A terra natal	<b>136</b>

*Saiba mais sobre Francisco Marins* **140**



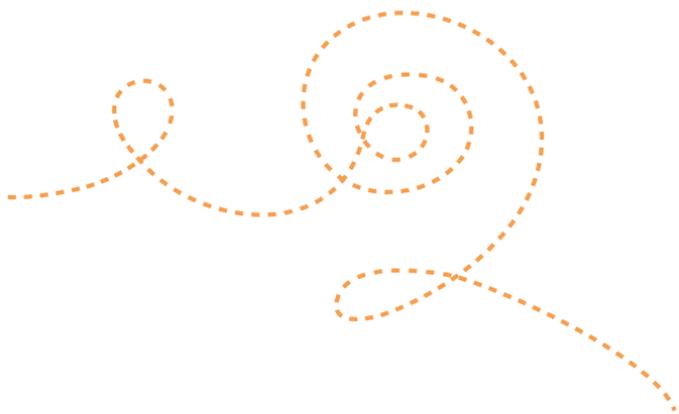


*“Era o lugar sagrado, cingido de montanhas...”*

*“A sua topografia interessante modelava-o  
ante a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro  
degrau, amplíssimo e alto, para os céus...”*

*“... e desaparecendo depois, rápidos precipitando-se para a  
aldeia sagrada.”*

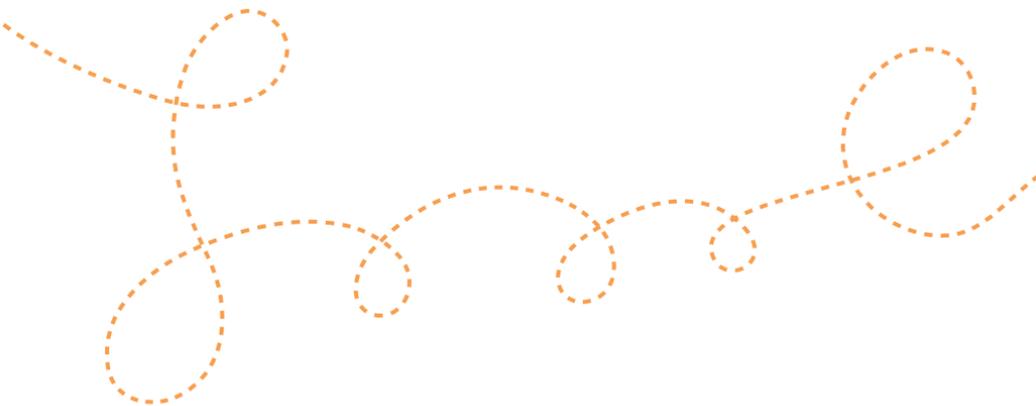
**EUCLIDES DA CUNHA N’OS SERTÕES**





Parte I  
***A*** seca







# 1. Antônio Conselheiro

LEMBRO-ME MUITO BEM da primeira vez em que ouvi falar de Antônio Conselheiro.

Era uma noite abafada em que não conseguia conciliar o sono. Virava-me de um lado e de outro na cama, procurando afugentar as preocupações do dia, mas inutilmente. O sono não vinha mesmo. Por fim levantei-me, abri a janela do casinholo e respirei, devagar, o ar quente que vinha da caatinga. Fora, a vegetação ressequida se estendia ao luar. Tudo em silêncio. Um ou outro grilo, trilando.

Fiquei então, longo tempo, olhando para a copa da gameleira\*, embaixo da qual descansava o boi Pomboca, para a moita de sucupiras\*\*, onde estava a cacimba\*\*\*, para o caminho acinzentado de poeira, por onde passavam, nos últimos dias, tantos grupos de homens, maltrapilhos e famintos, an-

.....  
\* Árvore grande de folhas verde-escuras.

\*\* Árvores do cerrado e matas secas.

\*\*\* Pequeno reservatório de água, olho-d'água.

dando sem destino... De repente, ouvi vozes abafadas, junto ao paiol\*.

Prestei atenção, sem poder, entretanto, distinguir as palavras cochichadas no silêncio da noite. Depois saí, pé ante pé, ganhei a área dos fundos e, caminhando rente à parede, aproximei-me da velha construção de tábuas.

O luar permitia ver dois vultos de cócoras, conversando. Um deles era meu padrinho, nhô Chico. Bom homem, aquele. Ajudara a me criar. Tinha uma grande dívida de gratidão para com ele. Sempre alegre e brincalhão, mas homem desassossegado; hoje estava aqui, amanhã já havia desaparecido. Ficava, às vezes, meses fora. Quando perdíamos as esperanças de que voltasse, lá aparecia, na curva da estrada. E nos dizia sobre terras estranhas e gente diferente. Ficávamos a ouvi-lo, muito atentos, pois contava as coisas com muita propriedade. Aliás, nunca se sabia mesmo se, no dia seguinte, o andarilho não ia de novo desaparecer numa curva do caminho. Por isso, o apelidaram de Chico-Vira-Mundo. E, por extensão, Donana era Donana-Vira-Mundo, e eu, Didico-Vira-Mundo...

Consegui ouvir:

— Você está bem certo disso, Antônio Beatinho? — perguntava meu padrinho ao outro.

— Pois é o que digo, Chico, eu já me decidi, vou seguir o “santo”. Ele tem feito milagres. O povo do sertão acredita. Certas coisas, só vendo!

.....  
\* Compartimento destinado à guarda de gêneros.